

## Conclusão

Jorge Alberto Rocha

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ROCHA, JAC. Conclusão. In: *Michel Foucault: crítico-esteta-cínico mitigado* [online]. Campina Grande: EDUEPB. Substractum collection, 2014, pp. 287-292. ISBN 978-85-7879-184-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## Conclusão

Alinhado com as ideias de Deleuze e Guattari entende-se que não há como comparar dois pensadores, uma vez que suas “máquinas abstratas”, os termos que compõem a rede de noções de cada um lançam mão de conceitos bem particulares, e a própria ligação entre eles já denuncia algo de novo. Nesse sentido Foucault, além de não repetir a “afirmação não positiva” kantiana, muito menos poderia se valer do personagem conceitual do “juiz” em Kant. Nada, aliás, mais estranho, em se pensando naquele, mesmo tomando em causa o suposto traço “crítico” foucaultiano. Do mesmo modo, a Grécia clássica ou latina não fornecia modelos de pensadores que fossem seguidos à risca por Michel Foucault. Tudo é questão de “des-territorialização” e de “reterritorialização” do pensar.

Se uma abertura, um horizonte, se a falta de determinações de qualquer ordem não é encontrada em Foucault isso se deu, justamente, como sinal de uma das grandes características desse pensador sintético e criativo que foi ele. Além disso, ou no âmago mesmo de tal inclinação faz sentido a sua colocação de não ter buscado fazer uma “história das soluções”, mas uma “genealogia dos problemas” (FOUCAULT, “À propos de la généalogie de l’éthique: un aperçu du travail en cours”, DE, IV, 1994, p. 386). Um mero retorno, portanto, significa fazer

um trabalho de cópia de um modelo; uma retomada, por sua vez, significa a utilização de ferramentas conceituais com o fito de entender e de remodelar a visão contemporânea.

Ora, é verdade que ele mesmo disse que o Ocidente, após Kant, incumbiu-se, cada um ao seu modo, e cada país em específico – citou-se os casos da Alemanha e da França – de retomar a herança crítica kantiana. Tratava-se de, em uma palavra, diagnosticar o presente, sendo esta uma atitude crítica. É ainda verdade que ele se colocou como caudatário dessa retomada no seu próprio trabalho, inserindo-se em uma tendência voltada para o conceito, ao invés de voltada para o sujeito, a experiência ou o sentido, como no caso dos fenomenólogos. Mas isso sela a questão do personagem conceitual foucaultiano, de uma imagem (a de crítico) que dá a oportunidade de compreender o pensador em causa, a linha-mestra da sua reflexão?

Nega-se tal posição, tentando demonstrar que o personagem conceitual foucaultiano não parou na imagem de autor crítico. Se este fosse o caso seria vislumbrado um porto seguro, um lugar para a afirmação “transversal” (filosófico-histórica) de conceitos. Respostas mais contundentes seriam encontradas para o passo seguinte a ser dado após suas constatações fundamentais: recusar as familiaridades, perceber a relação indissociável saber-verdade-poder, recusar os processos sociais voltados para a subjetivação das pessoas, recusar uma sociedade disciplinar e normalizadora. Enfim, haveria alguma alternativa conceitual para a liberdade ou liberação do homem.

A tese apresentada ao longo deste trabalho procurou mostrar, ao contrário, que o personagem conceitual de autor

“crítico” foi, por assim dizer, uma etapa provisória de Michel Foucault. Que ele, ao invés de permanecer instalado na tradição kantiana da qual se auto-imputara, uma filosofia do conceito (ao lado, inclusive, de epistemólogos como Canguilhem ou Bachelard) seguiu caminho e aportou em outro plano ou em outro “território”; a saber, no ético-estético, que depois se “reterritorializa” novamente no plano de uma vertente antiga representada pelos cínicos.

Uma ponte movediça? A literatura mostrou-se abundante sobre isso. Lembrando do texto de Jean-François Pradeau, este diz que há em Michel Foucault uma incapacidade de levar a cabo em matéria de subjetividade a ruptura que a governamentalidade parecia ter realizado a respeito da concepção repressiva e jurídica do poder [...]. É o sujeito de sua ética que lhe faltou” (in: GROS, Org., 2004, p. 153). A razão de não se ter embrenhado nessa querela foi ora por não ser uma das metas do presente trabalho, ora por se acreditar (ainda que sem o confessar explicitamente) na “coerência” da passagem de Michel Foucault para os planos da estética e da filosofia cínica, que ele tanto se empenhou.

Assim, compreendendo que a vida das pessoas em sociedade deve ser analisada nos seus comprometeros vários, sem levar para o tema de alguma espécie de sujeito autônomo e autêntico – isso pressuporia uma verdade de si escondida nos porões do sujeito – a saída foucaultiana foi, recusando ser vencido, pelo menos totalmente, pelos processos de subjetivação que incidem sobre cada um estetizar a vida, fazer dela uma obra de arte. Os gregos, para ele, ao optarem por esse caminho deram uma solução diversa da pastoral ou das formas de governamentalidade ocidentais: em um caso, com

seus códigos de conduta rígidos e com sua necessidade de desvendar, dentro da estrutura pecaminosa e concupiscente da alma decaída no *humus*, humana, portanto, o *elan* divino aí em crisálida, a verdade maior do sujeito; no outro caso, submetendo as pessoas a uma política da vida disciplinar e normalizadora.

Duas coisas a dizer a esse respeito. Primeiro, foi feita uma distinção entre o esteta autoconsciente, aquele que foucaultianamente falando é cioso acerca das injunções dos mecanismos formais do poder e, para tanto, busca sair desse plano de governmentação; e do esteta comum, do pequeno esteta, como aquele que, mesmo sem ter uma vida digna de um escrito biográfico, mesmo desinteressante aos olhos alheios (e até aos seus olhos) descobre que o importante mesmo é ser criador de relações novas. Não apenas buscar amigos ou amizade – embora isso seja valorizado em sua obra – mas, *fundamentalmente* (observe-se o peso da palavra, aquilo que está no fundo ou na base), buscar relações intensivas. As intensidades, nesse caso, não se prendem a modelos, não são valorizadas por alguma suposta relação engendrada nas instâncias minoritárias da sociedade: os negros, as mulheres, os homossexuais etc. – senão que se busca um *devoir* minoritário nesses grupos que, privilegiadamente, como na noção foucaultiana dos “homens infames”, afrontaram por seu modo de vida incommum as instâncias dos poderes estabelecidos.

Às intensidades cabe destacar, pois, seu caráter de novidade e de criação, como falado e, por definição, isso se aproxima da comparação da vida como uma obra de arte, embora nem sempre se reporte à “arte elitizada”, a do artista que tem diante de si todo o significado da sua obra em comparação

com as obras do passado. A obra de arte da vida pode ser também a mais popular, a mais comum, aquela que nasce de um rabisco de alguém, ou aquela que nasce de rimas esboçadas em frases cujo autor não teria a coragem de reconhecer-se como poeta. Como alguém com certa sensibilidade não poderia criar novas formas de vida sem passar pelo traço “crítico”? Aceitando tal hipótese, de alguma forma esse sujeito contornou os rigores normativos da sociedade e fez algo diferente. Claro, se tivesse em mãos os instrumentos da crítica foucaultiana os seus atos seriam revestidos de uma autocompreensão interessante e mais sólida ainda. Mas passar pela figura do crítico não seria condição *sine qua non* para a passagem ao ato criativo, embora Foucault proponha geralmente uma junção entre eles, e embora ele tivesse em mãos as ferramentas para encampar todo esse processo autoconsciente de criação.

Mas o ato criador, como revestida contra as formas institucionalizadas ou culturais, traz perigos iminentes. E uma questão decisiva é justamente esta: ter coragem... No âmbito do “cuida de ti”, como derivada do “conhece-te a ti mesmo” grego, cabe corajosamente imiscuir-se em modos de vida distintos e completar o movimento a si com uma vida por fazer, cujo espelho maior, mais ingênuo e radical foi dado pelos cínicos antigos, embora com todos os cuidados possíveis dessa influência: atribui-se a Foucault a defesa de um cinismo mitigado, uma vez que ele estava longe de propor a volta a uma “vida de cão”. Em todo caso que permaneça diante do “fora”, das instancias institucionais e culturais do poder ao redor do homem em sociedade algo de indiferença de cão, algo de recusa dos pudores injustificados, algo de uma compreensão de cão quando percebe quem são os amigos e quem são, portanto, aqueles que se deve proteger. Com o risco sempre

iminente de, assim com ocorreu com os cínicos, na impossibilidade de “calar cães que decidiram ladrar tão alto e tão forte [...] se tenha decidido marginalizá-los ridicularizando-os” (BICCA, 2011, p. 155).

Em suma, Michel Foucault não se alinhou de um lado ao outro à tradição kantiana da qual disse ter-se filiado, e, se compactuou com uma tradição francesa conceitual, ficara apenas a meio caminho disso. Daí não ter seu nome figurado ao lado dos epistemólogos, por exemplo, merecendo tantas críticas daqueles que compreendem o saber científico diferentemente dele; daí não haver relativamente ao seu personagem conceitual uma expressão única que o caracterize, mas um traço híbrido ou sintético entre crítico, esteta e cínico mitigado (aliás, coerente com o seu modo “transversal” de situar-se, como o fez ao utilizar a filosofia e a história, não se enquadrando como um profissional de uma ou de outra disciplina).

Em outras palavras, buscou-se deixar entendido aqui a “crítica” em Foucault como um personagem conceitual insuficiente, completado pelas outras duas imagens acima referidas, e tudo isso o levou a uma obra coerente, voltada para a palavra de ordem: experimente! Conhecer para recusar familiaridades, criar para encampar modos de vida socialmente diferentes (e desqualificados muitas vezes por ela) e ter coragem para realizar essa luta agonística com os poderes e normas estabelecidas seriam os traços modernos mais importantes no momento, um traço característico de uma “ontologia histórica de nós mesmos”, pelo menos para aqueles que, ao contrário de uma preocupação heideggeriana pelo “esquecimento do ser”, quisessem voltar-se para um cuidado de si, ou seja, para uma vida filosófica.